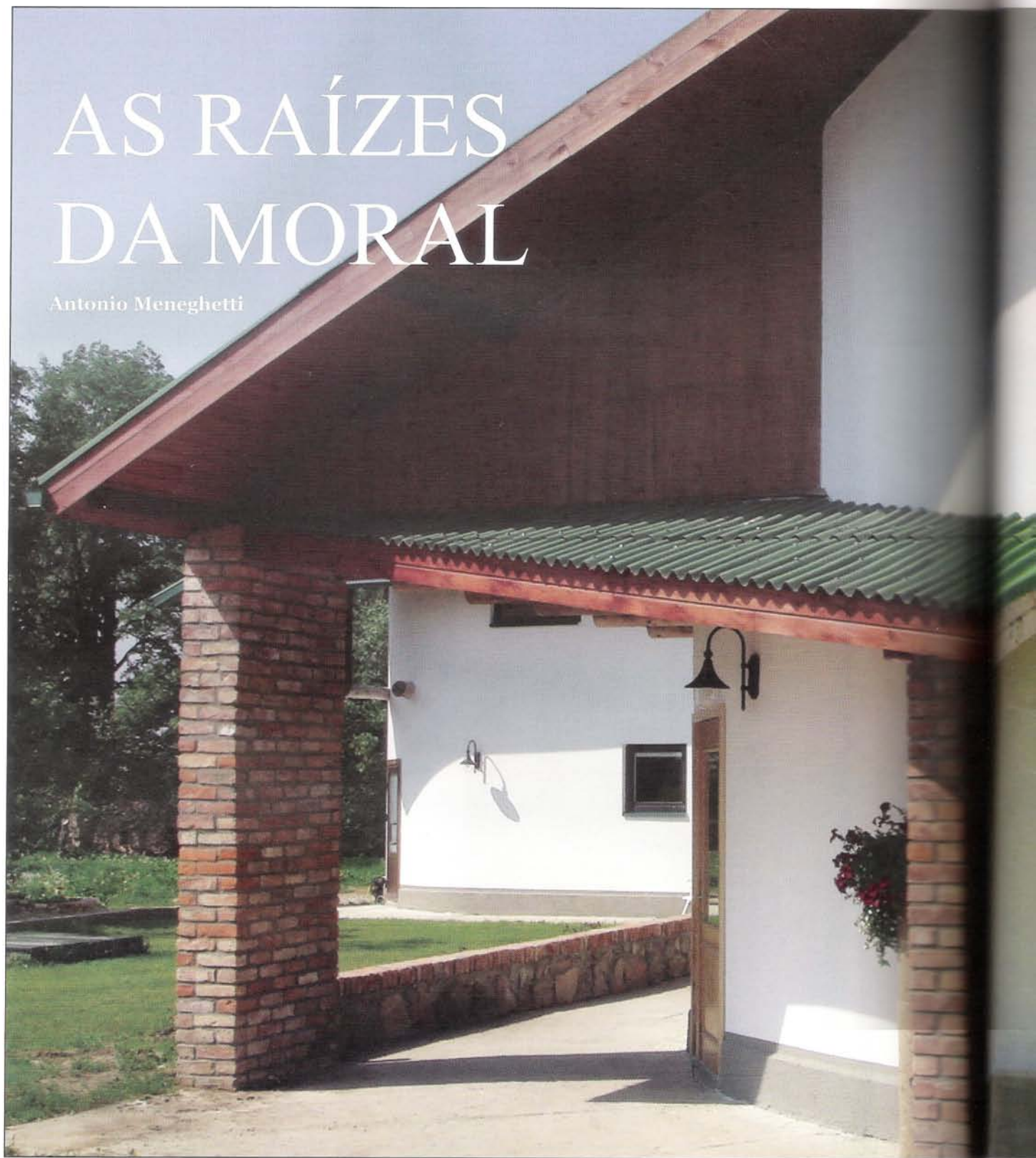


AS RAÍZES DA MORAL

Antonio Meneghetti



Entrada da sala de conferências de Lizari, Letônia

As origens ariano-pagãs-católicas da Europa

As raízes do nosso planeta, em particular as da Europa – entendida em modo extensivo, praticamente toda a área do Atlântico ao Pacífico, mas em particular a zona que vai da Islândia ao Norte da Rússia, da qual descende toda a Europa –

são sobretudo três: o arianismo, o paganismo e o catolicismo. O *arianismo*, entendido como humanismo com avançada capacidade metafísica. O *paganismo*, no sentido histórico, clássico, que todos entendem. O *catolicismo* – e não em modo superior ou específico o judaísmo.



Budismo, o Islã ou o Cristianismo, entendido como o conjunto de todas as igrejas – implica contemporaneamente também a expressão assim chamada ortodoxa, porque também os ortodoxos em toda a sua essencial dogmática teológica são iguais ao catolicismo, com exceção da não

aceitação do primeiro preceito da igreja católica: o primado do Papa de Roma.

Das igrejas copta e ortodoxa à romana, movimenta-se o princípio dogmático que, depois, se define e se explicita historicamente no sentido da igreja católica e apostólica. “Católico” significa “universal”. “Apostólica” deriva dos doze Apóstolos de Jesus Cristo. Quando se refere a igreja de Roma, então se chama “igreja católica apostólica romana”. As divergências da igreja católica nascem depois de 1300; até então perdurava a unidade européia de Constantino, Carlo Magno, mas em seguida, com Carlos V, começa a declarada cisão da Europa em nome do cristianismo.

Isso significa que o pensamento católico era contemporaneamente estudado, vivido, analisado da Inglaterra à Grécia. Todas as igrejas do Norte têm os mesmos livros, a mesma língua. As orações e as recitações são idênticas àquelas que encontramos em Florença, Milão, Paris etc. Sobre tudo a autoridade do Papa de Roma era contemporânea em toda a Europa conhecida. Hebreus e muçulmanos viviam conjuntamente relações de negócios, de amizade e também as guerras eram, sobretudo, interesses comerciais, marítimos, de expansão econômica. Todas as outras divergências (islamismo, judaísmo etc.) são compreendidas somente caso se considere uma referência histórica constante: a igreja católica.

Um texto antigo escrito em 1545 pelo autor Giorgio Majo, teólogo jesuíta, doutor e professor, proveniente da paróquia de Mitaviense (antiga cidade do Norte da Europa), é dedicado ao potentíssimo Frederico II, Rei da Dinamarca e da Noruega, dos Godos e dos Vândalos, os quais se referem a uma Europa operativa, ainda viva com estes nomes até 1700.

Isto significa que derivamos de uma cultura multiforme e profunda, que ainda sustenta a todos e nos dá também motivos para ser maiormente responsáveis defronte à crônica que talvez se tornará história.

Também o histórico Lukacs¹, formado na cultura da Europa central e russa, e depois professor em diversas universidades dos Estados Unidos, confirma que, com a perda da igreja católica, perdeu-se o referimento a uma intelectualidade verdadeiramente grande e segura para todos aqueles que são não tanto crentes quanto, sobretudo, intelectuais, pesquisadores de uma possível verdade do homem.

A grande cultura que se personaliza na cultura católica e reúne o arianismo e o paganismo morre com o último verdadeiro grande Papa da Igreja Católica: Pio XII. Antigamente o Papa era o símbolo, a referência de um valor intelectual que dava dignidade ao discurso filosófico, teológico, político, tudo aquilo que era saber elevado para compreender melhor a importância de viver neste mundo. Infelizmente, a prevalência da imagem norte-americana destruiu as profundas raízes da grande mãe Europa para os intelectuais europeus.

Princípios de fé e normas de vida

Feita esta premissa, agrada-me fazer referência ao maior autor que sublinha em uma única cultura o sentido do homem universal europeu: o significado metafísico do 113

homem (arianismo), a sabedoria pagã e a revelação cristão-católica.

É a *Divina Comédia* escrita por Dante Alighieri. Ainda que este autor não fosse de acordo com o papado, mas sim com o imperador alemão, o Papa era sempre um símbolo de superior doutrina. Dante Alighieri já representa grande parte da cultura mestra e mãe da nossa grande Europa, não tanto daquela política (que muda continuamente), quanto e, sobretudo, daquela geográfica, que compreende também a Rússia, até os Urais. Estamos em 1300 e Dante era já uma perfeição. Para compreender este autor é necessário ser grande conhecedor de cultura e história pagã e católica.

Do II ao XX século a moral corrente era baseada sobre princípios universais enquanto reconhecidos, e depois especificados pela doutrina católica. Naturalmente existia de fundo uma ética bem conhecida sobre o plano filosófico e compartilhada por todos: aquilo que era o bem e aquilo que era o mal. Esta distinção partia sempre da realidade do objeto e da realidade do sujeito em situação histórica. Nos meus livros estão escritos os três princípios fundamentais da ética, compartilhados filosoficamente em modo universal: o que, quem, em quais circunstâncias. Ou melhor: objeto, sujeito, circunstâncias. É necessário ver o jogo destes três momentos: *opus, operantis, in circumstantiis*². “O bem resulta da perfeição de todos os componentes daquela ação; o mal surge imediatamente do defeito de qualquer uma das partes”.

Além disto, havia alguns conselhos práticos. Eram alguns preceitos que tinham uma imagem fácil para todos. Quando falo de Igreja Católica não entendo o aspecto legalístico da igreja romana, mas entendo a doutrina universal, isto é, a igreja católica como expoente da filosofia perene que é base de toda a grande cultura da civilização européia. Platão, Sócrates, Parmênides, Aristóteles, Sêneca, Virgílio são todos excelentes mentes pagãs, que constituem um fundamento da filosofia perene que a Igreja católica conservou.

Dante Alighieri era devoto, fazia parte de uma confraternidade, a terceira ordem franciscana, que o ligava com particular devoção a São Francisco de Assis. Porém, como guia que iluminava em direção ao último saber, coloca Virgílio, e não São Francisco, nem Moisés, Adão, Isaías, Santo Agostinho, São Benedito, Nossa Senhora etc. Virgílio, o último ponto de valor, de poesia, de ética e estética do classicismo pagão, conduz Dante até o princípio de beatitude: Beatriz, que não é uma santa da Igreja, mas representa a graça (gratuidade do ser), aquele bem que dá clareza ao intelecto depois da purificação das pulsões removidas ou desviantes.

A grande cultura mestre do paganismo clássico, isto é, o arianismo pagão, realiza as fundamentais culturas, das quais, depois, a Europa convive continuamente até hoje. Toda a epopéia homérica parte do Báltico e desenvolve a história e a cultura no Norte da Europa, que depois se alarga em todos os lugares, até a Mesopotâmia. Aristóteles (do qual também a filosofia islâmica se nutre, sobretudo com Avicena e Averroés) e Platão estudaram Homero.

vicissitudes locais, variações climáticas e transmigrações de povos.

Os Arianos representam a primeira geração humana sobre este planeta. Tinham o instinto metafísico do ser (a raiz *ar* significa “ente”), viviam a existência como participação no projeto divino do sacro universal. Portanto, não se trata de conformação somática. A raiz “*ira*” significa ariano. Cada homem com responsáveis tensões superiores é ariano, é herói, é cosmoandrônico.

Runas, cruz celta, espigas de grão, peixes, o sol, o fogo etc., são uma precisa simbólica da época ariana, passada ao paganismo e ao cristianismo. Ela significava viver a existência com a teleologia do ser, e exprime a natural tendência ao significado de um princípio criador do qual

Recanto Maestro – Brasil



114 Hebreus, Iranianos, Espartanos, os Vedas derivam todos do Norte da Europa, dividem-se, depois, historicamente por

somos efeitos.

A igreja católica é uma componente, uma roupa deste grande humanismo ariano que tem mais de dez mil anos. Gostaria de recordar que todo o Humanismo e o Renascimento revigoram a cultura da Europa graças à redescoberta dos manuscritos dos escritores gregos, ocorrida em 1400: com o contato o homem refloresce e se veste com a moda católica.

Constantino e Carlo Magno escolheram o cristianismo porque era a cultura mais conveniente. Do momento que a história é escrita por quem vence, pode-se afirmar também que se o imperador Constantino tivesse encontrado uma cultura mais forte, melhor organizada, teria instituído o seu novo estado na unicidade daquela religião e não daquela cristã, a qual, porém, naquele momento era a mais avançada, mas

permanecendo sempre uma dependência, uma evolução daquele antigo conhecimento do sacro em si que nunca é religioso. O sacro é uma coisa, a religião é completamente outra; por isso o homem do futuro gradualmente aceitará politeisticamente todos os costumes, todas as religiões, mas permanecerá fundado sobre a onticidade do sacro universal. Aquele sacro em si se presencia em cada homem que vem a este mundo e convive com o seu Em Si ôntico. Naturalmente tudo isto permanecerá sempre um horizonte, uma dimensão interior e nunca poderá ser regulamentado em modo racional e histórico por todos.

Cada sociedade fará as próprias constituições, mas isso não desarticula minimamente a profundidade do ser que nos faz únicos diante do eterno.



Enquanto hoje existe a moral dos verdes, do carbono ecológico, aquela de considerar os portadores de deficiência, de não ser racistas, a moral do lixo reciclável e tantas outras coisas (por exemplo, pagar os impostos hoje é um preceito, enquanto uma vez os impostos eram pagos, mas não era legislado), antigamente existiam os *dez mandamentos*, que são um pouco a síntese dos deveres naturais, isto é, constituem a ética constante de cada homem, e são precedentes ao que depois foi considerado pela Bíblia. Ao lado deles existiam sete esquemas de preceitos, entre os quais a tabela das *quatro virtudes cardinais* ("cardinal" significa fundamento, ponto de sustentação, as pedras angulares que sustentam todo o edifício), que são verdadeiras perenemente enquanto fazem parte do projeto da natureza humana.

- *Fortaleza*: o sujeito deseja ser um homem perfeito? É forte, sabe suportar as dificuldades, sabe ser coerente nos seus propósitos de crescimento?

- *Justiça*: a cada um o seu, porque cada coisa tem uma intrínseca honestidade de relação.

- *Temperança*: há um modo em todas as coisas. No beber, no comer, no caminhar, no sexo, no amor, na ira, no trabalho etc., o sujeito faz as coisas na medida? Temperante: a medida para cada coisa em relação a si e aos outros.

- *Prudência*: se diz "a prudência nunca é demais". Não basta fazer o bem, é necessário fazer bem o bem.

As quatro virtudes cardinais são a essência de toda a ética, de todos os conselhos dados à humanidade sábia de todos os tempos até hoje. Eram verdadeiras para os arianos, para os pagãos, para todos os sábios das sucessivas épocas históricas, religiosos ou não: são as inclinações normais da natureza humana.

Sucessivamente, nasceram os modos internos, por exemplo, da religião católica, isto é, atitudes intrínsecas a cada bom senso da religião. Cada homem que não compreende a vida difícil, deve possuir três virtudes teológicas ("teológicas" porque são lógicas do Deus transcendente, as técnicas para ter o contato com Deus), com referência metafísica, de tensão para tomar coragem cada dia, as quais são verdadeiras em todas as religiões.

- *Fé*: o sujeito deve acreditar, mesmo se não vê e não entende; existe alguém que o ama, existe alguém que o enviou e o espera lá em cima. Este é um aspecto fundamental. A religião não se explica, é um autoritário que se impõe: "Eu sou o Senhor, teu Deus, e não terás outro Deus..."

- *Esperança*: não vendo os resultados, o sujeito deve continuar a esperar, um dia acontecerá. Hoje não conseguiu, amanhã conseguirá. A esperança é um fio que ajuda a muitos.

- *Caridade*: amar aquilo que se é, aquilo que se faz, aqueles que estão próximos: como se é amado, assim se será amado.

Depois existe a relação com os outros. Existem sete obras de misericórdia corporal e sete obras de misericórdia espiritual. Estas regras foram escritas quando não havia nem a saúde pública, nem o ministério público da educação, nem as previdências públicas, as aposentadorias ou as pensões familiares, nem tudo aquilo que é o assistencialismo social,

já legal e imposto juridicamente. Hoje muitas coisas tornaram-se leis em diversos modos (por exemplo, se um sujeito encontra pela estrada um homem ferido e não o ajuda, é previsto o cárcere), porém, uma vez eram apenas alguns conselhos, algumas ações morais internas sem implicações externas penais, corpóreas, econômicas, porque não havia uma sociedade organizada como hoje. Então é necessário ter tudo isto presente para entender este espírito de boas obras de misericórdia que cada um observava, para se precaver, caso amanhã fosse ele quem estivesse doente, nu, faminto etc.

As sete obras de misericórdia corporal são as seguintes:

- Dar de comer a quem tem fome;
- Dar de beber a quem tem sede;
- Dar de vestir a quem tem necessidade;
- Alojjar quem não tem casa;
- Visitar e assistir os doentes e quem é sozinho;
- Visitar os encarcerados e ajudar os portadores de deficiência;
- Participar do funeral dos fiéis falecidos.

Depois havia as sete obras de misericórdia espiritual:

- Aconselhar os que têm dúvidas;
- Ensinar a quem não sabe;
- Repreender quem erra;
- Consolar os aflitos;
- Perdoar as ofensas recebidas;
- Suportar com paciência as pessoas incômodas;
- Pregar Deus para os vivos e orar pelos fiéis falecidos.

Estas eram as considerações da ética moral, universal de todas as religiões e particularmente definidas pela igreja católica. As quatorze obras, observadas sobre o fio de navalha da responsabilidade ética e psicológica, são assistencialismo complementar. Há um princípio fundamental que regula estas atitudes: em qualquer obra *não se pode ser cúmplice do mal do outro*. No caso em que – perdoando, vestindo, aconselhando etc. – percebemos que nos tornamos cúmplices da preguiça, do comodismo do outro, então o próprio aparente bem é perversão. Pelos resultados se compreende a diferença, quando é uma obra boa, ou uma cumplicidade.

Os cinco preceitos gerais da Igreja são:

- Participar da Missa dominical e das outras festas de doutrina;
- Santificar os dias de penitência, como dispõe a Igreja;
- Confessar-se pelo menos uma vez ao ano e comungar pelo menos no período pascal;
- Socorrer as necessidades da Igreja, contribuindo segundo as leis e as tradições;
- Não celebrar solenemente as núpcias nos tempos proibidos (quaresma e advento).

Estas são as leis eternas de cada religião; cada religião tem a sua. Mesmo os islâmicos têm os seus preceitos: ir à Meca, observar o Ramadã, rezar, fazer caridade etc. Tudo isto é observado com compreensão, também com uma certa simpatia: eram modos de organizar-se em uma sociedade.

Um outro argumento do qual se fala ainda hoje é o espírito santo. A intuição pura absoluta é o espírito santo. Recordo ainda hoje quando um acadêmico em Moscou perguntou-me se o espírito santo operava nas almas através do campo semântico, e eu respondi que era exatamente assim. Não exatamente Deus em sentido religioso, mas o princípio da vida em sentido sacro, natural. O fato da vida existe, é necessário estar atentos para não hipotecá-lo com extremismos racionais. Cada religião absolutizou um modo metódico para ter contato com aquilo que, em essência, é inefável. "Inefável" significa: não verbalizável, não formalizável, não individuável, não racionalizável. Não se pode imaginá-lo em modo verdadeiro, e é por isto que, por exemplo, o judaísmo e o islamismo não permitem a iconografia, enquanto toda a onda da religião pagã e católica favorece a iconografia: os santos, a Nossa Senhora, Cristo, deuses e deusas etc. Trata-se de diversos pontos de vista, a lógica é que o judaísmo e o islamismo não têm um conceito de Deus tornado homem, enquanto a religião católica e o paganismo consideram que Deus se fez homem: Jesus Cristo é verdadeiro Deus, verdadeiro homem, e, portanto, pode-se usá-lo como imagem, do momento em que se encarnou. No paganismo os deuses eram transformações do Sacro, ou reduções significativas do divino em modos naturais e sentimentos humanos. Portanto, depende tudo da forma da fé.

Os sete dons do espírito santo não são exatamente distintos entre si. Substancialmente deveriam representar os modos do Em Si ôntico, quando a consciência do Eu lógico histórico age com a graça do Em Si ôntico.

Sabedoria: do latim *sapere*, que significa seja conhecer, seja ter sabor. O verdadeiro faz sabor, é agradável.

Intelecto: sabe pelo íntimo, com a evidência.

Conselho: sabe dar, ajuda.

Força: é seguro, ou seja, vencedor.

Ciência: tem o modo racional de aplicação, dá o modo histórico do projeto.

Piedade: ser piedoso, ser gentil, dar com nobreza e deferência.

Temor a Deus: viver tudo isto dentro da atmosfera de uma relação de obediência, com deferência pelo sacro; percepção do sacro imanente. O em si universal, o princípio do ser é sacralidade, portanto, implica esta devoção de nós todos ao primeiro princípio pai. Não podemos ser indivíduos se não fazemos parte do horizonte do ser em si. Esta é a realidade laica.

Portanto, muitos podem ser ateus, no sentido que o são com referência ao Deus de um certo tipo de religião, mas não se pode conceber uma pessoa inteligente que exclui toda alteridade de dependência da primeira ação que constitui a vida. A lógica dos sete dons do espírito santo é esta: o espírito santo, ou Em Si ôntico, abre o conselho para ser sábios, para ser inteligentes com competência, com o respeito pelo sacro (temor a deus), com amor. Substancialmente, é um modo doce como a ação se faz forte, como sabedoria para ser, ciência para dar, tudo feito com respeito, sempre dentro da total relação com o Sacro da vida.

Calipso, Bombinhas – Brasil



Os sete pecados capitais

Sobre os sete pecados capitais existe uma cultura do passado que ainda vagueia um pouco em todo o mundo. Ira, inveja, acídia, gula, luxúria, avareza, soberba são considerados os sete pecados fundamentais que constituem qualquer forma de mal. Dante Alighieri distribui os diversos pecadores destes vícios em diversas partes do inferno e também algumas referências no purgatório.

A *ira* é a raiva, o ressentimento, a agressividade. De per si não é um mal, enquanto é uma parte do instinto de autodefesa e autoconservação do sujeito. Por isso uma pessoa pode ser suscetível, mas é importante que tenha uma medida, porque se excede a medida pela qual fazer reação, precipita-se desmedidamente e mata, ou algo pior. Não se trata tanto do mal que se faz ao outro, mas da desordem que se ativa em si mesmo como desmedida da própria norma, e depois, conseqüentemente, o mal ao outro.

Inveja: não é um pecado, mas sim uma doença muito difusa e muito perigosa. O sujeito experimenta a raiva porque o outro está se tornando superior a ele, o outro tem mais sucesso que ele, por isso se faz uma visão perversa, como se a virtude, o mérito do outro fosse uma injustiça da vida.

Portanto, a inveja é uma doença no sentido que se vê o sucesso dos outros como ofensa, diminuição contra si mesmo. É uma traição da própria identidade, a tentativa de matar aquilo que talvez se poderia fazer e não se fez. É uma doença que depende dos complexos da infância e também da inteligência "limitada", porque enquanto um indivíduo inveja os outros, nunca é. O monitor de deflexão ativa a ira, mas começa sempre pela inveja, os dois pecados jogam juntos e, ao final, o Eu lógico-histórico do sujeito resulta estúpido: "Eis, veja, aquele conseguiu, você não é capaz, mas aquele é porque enganou, e depois, viu como te tratou?"

A inveja é uma doença complexa que pode ser psicológica, psicossomática e psicossocial, na qual o sujeito procura encobrir a própria auto-evidente inferioridade, da qual é culpado. É um mecanismo do monitor de deflexão também para desviar o sujeito da responsabilidade individual de retomar-se, de fazer de algum modo metanóia. Portanto, é completamente diferente da competição, da emulação (quando um sujeito vê o outro melhor que ele e se pergunta o que pode fazer para melhorar), a qual depois se torna ação competitiva e, portanto, uma ocasião, uma "escada" para conquistar em modo superior a si mesmo.

De qualquer modo, a inveja implica sempre, nesta sua doença, a perda de si mesmo e do próprio interesse vital. Infelizmente é o pecado mais difuso e compreende seja a soberba que a ira: enquanto a ira pode estar sozinha, a inveja e a soberba estão sempre juntas e depois a ira se coloca a serviço e se torna definitiva – o sujeito ou mata o outro ou mata a si mesmo.

Acídia: significa um sujeito que faz programas, observa os particulares, vai sempre próximo às coisas e nunca as conquista. Não é tanto um preguiçoso que não faz, mas um que anda em volta para não fazer. "Acídia" deriva do latim *accidens*, acidente, isto é, complemento, relativo, não essencial.

Deste pecado existem diversos exemplos no campo

religioso: pessoas que fazem tantas penitências, recitam tantas orações, fazem caridade, porém, não tocam minimamente a raiz do seu pecado. O acidioso faz tudo aquilo que está próximo, ocasional, mas nunca assume com decisão a essência da coisa ou da mudança etc. É coerente com os seus princípios, com as suas convicções, porém, muda-os continuamente.

Gula significa comer fora da medida o que agrada e, conseqüentemente, estar mal.

Luxúria. Não é o sexo contra a natureza, mas sim a sensualidade vivida, pensada e usada fora da exigência e estética natural do corpo ou da situação. Quando o sexo se torna obsessão, não é mais um serviço à natureza. Nesse sentido, a luxúria é a principal causa de pelo menos 80% das doenças.

Avareza. Substancialmente, avaro é um indivíduo que tem e não usa o que tem para viver melhor: é fechado, porque se auto-elimina da possibilidade de uma vida melhor, mais prazer e espaço para ser. É o contrário do pródigo, o qual usa mal a riqueza, destrói ao invés de aproveitá-la em ganho e crescimento.

Substancialmente, estes pecados são deformações dos instintos vitais.

A gula e a luxúria, por exemplo, são também os princípios da estética, isto é, chegar ao prazer com a elegância do belo, o qual é o *summit* de uma ação vital, porque é sempre imaculado, não implica erro, enquanto o mal é feio. Por isso a gula (e a luxúria), como vício, não é um saber indagar esteticamente sobre os vários gostos e modos, mas é um devorar, uma impropriedade que ofende também a função do instinto, que de per si é uma ordem de vida.

Os guias espirituais de Dante Alighieri são o grande Virgílio, portanto um sábio do Belo, e depois a graça de uma mulher, Beatriz. Beatriz – que os teólogos sustentam que representa a graça coadjuvante e santificante, isto é, um dom especial que vem de Deus para ajudar a alma a superar a existência e realizar atos consoantes à eternidade do ser – é aquele modo de saber viver as coisas que ativam beatitude, o eros branco que faz transcendência: a elegância da graça que se torna guia mestre no interior do processo existencial.

Na realidade, eu que conheço a beatitude, sei que é fêmea: é a elegância da vida em modo superior, que, ao final, se apela exclusivamente na identidade da graça do ser do qual todos participamos gratuitamente. Quando digo que a beatitude é fêmea isto não tem correlação com a genitalidade de macho e fêmea: significa que tem os modos, as transparências que eu encontro mais similares a estados de uma mulher em forma, ao invés do tipo de presença ou postura que tem um macho.

Soberba. Distinguímos a soberba do orgulho. O orgulho é o conhecimento de ser aquilo que se é, e se pretende que seja respeitado e reconhecido. Portanto o verdadeiro, o justo homem orgulhoso não pode trair e negar a própria dignidade de existir como alma frente ao mundo: "orgulhoso" é presença à responsabilidade de ser capacidade realizadora, é coerência das quatro virtudes cardinais. Substancialmente, diante da constituinte da natureza, não se tem o arbítrio de humilhar a si mesmo, seria a primeira covardia, enquanto se refuta o dom que se é.

cam
tudo
com
ente
rêm,

a e,

a
na e
oma
ão, a
is.

m e
e se
mais
qual
inho

dos

plos
elo,
npre
isso
agar
um
ção

ílio,
her,
enta
ocial
ncia
uele
eros
e se

ta: é
pela
dos
de é
cho
e eu
ma,
ho.

o é o
seja
usto
dade
5" é
lora,
nte,
o de
anto



“Soberba”, ao invés, significa colocar-se sobre e contra a vida: *super bios*, uma arrogância sobre a vida. No Apocalipse, conta-se a lenda do diabo que nasce como ato de soberba, de contraposição ao princípio da vida. Nos textos da Bíblia está escrito também que o princípio de todo mal, de todo pecado é a soberba. A soberba é um mensurar com exclusiva superioridade de si mesmo, desprezando os outros: é uma ideologia ossificada que ossifica também o sujeito, pelo qual não há outro Deus além do próprio Eu. A soberba é o vício que, em toda a sua obra, Dante Alighieri enfatiza com maior análise. Por exemplo, ele analisa o que produz:

*“Tutti quanti fuor guerci
sì de la mente in la vita primaia,
che com misura nullo spendio ferci”*³.

que em português significa: “soberbos são todos aqueles que foram cegos à mente desde o primeiro ato da vida (*in vita primaia*)...”. Os soberbos são todos aqueles que foram cegos da mente – ou seja, cegos no modo de raciocinar, de ver, de compreender, contra o original da vida em sentido total. Os soberbos foram cegos porque desprezaram, colocaram-se contra aquela vida que “*con misura nullo spendio ferci*”, aquela vida que tem economia e medida perfeita, que nunca fez gastos vazios: permitem-se invalidar a exatidão, a medida, a sapiência da vida.

O homem, com as próprias resistências, torna absoluto o próprio Eu lógico histórico contra o próprio Em Si ôntico, que é a vida primária feita com exatidão do ser. Aquilo que vulgarmente em psicologia, e, sobretudo em

Ontopsicologia, chama-se resistência é soberba, ou seja, convicções cegas contra a própria natureza.

No X Canto do Purgatório, Dante Alighieri fala novamente sobre a soberba:

*“O superbi cristian, miseri lassi,
che, de la vista de la mente infermi,
fidanza avete ne’ retrosi passi”*⁴

“Oh soberbos cristãos, pobres desgraçados, que – doentes no vosso juízo, na vossa consciência, na vossa razão – confiaram nos vossos erros, na vossa memória, no vosso passado, nos vossos estereótipos infantis.” Substancialmente, a resistência é uma doença, é a obsessão assassina de si mesmos. Metanóia é mudar a consciência para se tornar como se é, e não como se pensa que é.

*“...che, de la vista de la mente infermi,
fidanza avete ne’ retrosi passi”*

O poeta, nesta fase, ainda está se purificando (encontra-se no Purgatório, não no Paraíso), e compara a soberba a uma rocha que comprime a razão⁵. Na minha experiência clínica, quando sinto ativar-se a soberba vejo uma espécie de círculo de chumbo estável, que não se move e não faz mover. Por campo semântico o vejo, e não há nada a fazer; o sujeito está completamente preso a esta calota, e este disco que é implacável e conduz qualquer lógica tornado-a obsessiva: “Não... não...”. Forma-se a assim chamada rigidez psíquica. Dante, no XIII Canto, retorna sobre o conceito da soberba e diz:

*“E come a li orbi non approda il sole,
così a l’ombre quivi, ond’io parlo ora,*

Recanto Maestro – Brasil



luce del ciel di sè largir non vole"⁶

isto é, compara a soberba àqueles cegos nos quais o sol não chega.

*"che a tutti un fil di ferro i cigli fôra
e cusce sì, come a sparvier selvaggio
si fa però che queto non dimora"*⁷

Praticamente o soberbo, além de ser impedido em si mesmo, chega a não ver, a não entender, é excluído da realidade, é esquizofrênico contra o próprio real e o real circunstante, faz a própria escolha baseada sobre passos passados, sobre memórias (*retrosi passi*), baseia a afirmação das próprias certezas sobre conteúdos removidos já sem lógica. Substancialmente, encontra-se sobre a cegueira, sobre a resistência, sobre a contraposição contra a vida, sobre o círculo de ferro.

O pensamento de Dante Alighieri representa o pensamento profundo e coletivo da superior mística da Europa ariano-pagã-católica. Ele sustenta que, para chegar ao ser e alcançar a perfeição, é necessário fazer constante metanóia, revendo primeiro os próprios desvios sem jamais esconder-se de si mesmo. Não se trata de confessar-se aos outros, mas de ser humilde diante do verdadeiro de si mesmo.

"Inferno" é viver em posição inferior por ter perdido a norma da luz, da vida, da razão. A segunda fase, o Purgatório, significa viver as consequências do carma com a consciência de renovação. Depois de ter compreendido onde se fixou, é necessário esperar um certo tempo de purificação para chegar a ser a perfeição que se pode naquele momento. É a fase purgativa, se faz processo de autenticação. Depois deste

processo, chega-se ao sucesso, alcança-se a visão ôntica. "Paraíso" significa: estar com Deus, ser com o Ser, e esta é a beatitude. Em modo diverso, é o que afirma a psicologia negativa budista, ou os alquimistas, todas as tradições sadias de purificação etc. Na Ontopsicologia é necessário reencontrar a cena primária, a raiz dos próprios estereótipos, para chegar a ser a si mesmo em modo feliz. Para Dante Alighieri era uma visão, uma fê e também um processo vivido com penitência e virtude. Portanto, mais do que uma história universal, é também a estrada de purificação individual, do inferno, da doença, do estar inferior à superioridade da luz. Há um terceto no qual o autor refere-se a Deus no seguinte modo:

*"O luce eterna che sola in te sidi,
sola t'intendi, e da te intelleta
e intendente te ami e arridi!"*⁸

que traduzida literalmente significa: Oh luz eterna que somente em ti reside, tu apenas compreendes a ti mesma, e uma vez que compreendestes a ti mesma, amas e buscas somente a ti.

Substancialmente, *Deus é em si, consigo, para si. Todo o resto não é.*

¹Estudioso húngaro (1885-1971). As obras monumentais dos últimos anos são *Estetica*. Turim: Einaudi, 1975 e *Ontologia dell'essere sociale*. Roma: Riuniti, 1985. Procurou enriquecer o marxismo com a recuperação das tradições da racionalidade humanística: a dialética, o historicismo hegeliano e o realismo estético (Goethe, T. Mann, Balzac, Tolstói).

²Cf. MENEGHETTI, A. *A crise das democracias contemporâneas*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2007.

³Inferno, VII, 40-42.

⁴Purgatório, X, 121-123. ⁵Purgatório, XI, 52-54.

⁶Purgatório, XIII, 67-69. ⁷Purgatório, XIII, 69-72. ⁸Paraíso, XXXIII, 124-126.

Recanto Maestro – Brasil

